

FEIRA DE CONHECIMENTOS SOBRE AMÉRICA LATINA: autonomia na formação e na prática docente

Rinaldo de Castilho

Rossiⁱ

Bacharel e Mestre em Geografia
pela Universidade Federal da
Bahia

Doutorando em Geografia
Humana pela Universidade de
São Paulo

Resumo

Muitos são os desafios dos educadores recém-formados. No ensino de ciências humanas, uma das dificuldades atuais é lidar com o excesso de informações disponíveis em meio digitais, por vezes mais “atrativas” para as crianças e adolescentes. O estudo sobre a América Latina no Ensino Básico é diretamente afetado, uma vez que poucos brasileiros conhecem a história e as dinâmicas da região, sendo um conteúdo pouco acessível à maioria dos estudantes de escola pública. Pensando em mecanismos de ampliar e contribuir com uma formação docente que valorize a autonomia e a curiosidade, e favoreça os saberes latino-americanos, o presente texto visa apresentar o projeto denominado Feiras de Conhecimentos Sobre América Latina, realizado no Departamento de Geografia da UFBA, e comenta-o a partir de conceitos da Educação e da Geografia, explorando noções como professor pesquisador, epistemologia da prática, pedagogia da autonomia, cotidianidade, instalações geográficas, entre outros.

Palavras-chave: América Latina; epistemologia da prática; autonomia; Ensino de Geografia; instalação geográfica.

LATIN AMERICA KNOWLEDGE FAIR: AUTONOMY IN TEACHER FORMATION AND PRACTICE

Abstract

There are many challenges for new educators. In the teaching of humanities, one of the current difficulties is dealing with the excess of information available in digital media, sometimes more "attractive" for children and adolescents. Thinking of mechanisms to expand and contribute to a teacher formation that values autonomy and curiosity, this text aims to present the project called Knowledge Fair about Latin America, carried out at the Department of Geography of the UFBA, and comments on it from the concepts of Education and Geography, exploring notions as a research teacher, epistemology of practice, pedagogy of autonomy, daily life, geographical installations, etc.

Keywords: Latin America; practice epistemology; autonomy; Geography teaching.

ⁱ *Endereço institucional:*

Avenida Professor Lineu Prestes,
338 - CEP 05508-000 - Cidade
Universitária - São Paulo - SP

Endereço eletrônico:

rinaldocr@usp.br

Introdução: contexto de realização do projeto

A Feira de Conhecimentos sobre América Latina foi um evento, realizado em duas edições no Instituto de Geociências da UFBA, integrando o rol de avaliações da disciplina Geografia da América Latina (GEOA33), ofertada pelo Departamento de Geografia da UFBA para estudantes de licenciatura em Geografia. Para embasar a discussão, serão apresentados dados e procedimentos da segunda edição.

A segunda edição, estendeu-se entre os dias 27/05/2019 e 31/05/2019, contando com a participação direta dos 29 discentes, que participaram, com graus diferentes de dedicação e envolvimento das quatro etapas do projeto: 1) concepção; 2 planejamento e preparação; 3) realização; 4) avaliação; que duraram três meses, entre Março-Junho.

O projeto também contou com outros parceiros como a turma da disciplina Geografia Política (GEO132), o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) em Geografia, a diretoria e outros membros do Instituto de Geociências (IGEO), os estudantes estrangeiros do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA, o Centro Acadêmico (C.A.) de Geografia, o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-UFBA), o Museu Afro-brasileiro (MAFRO-UFBA), o Dr. Mário Ulloa professor costa-riquenho da Escola de Música da UFBA, entre outros.

O uso das áreas comuns do Instituto de Geociências, com presença das exposições e da veiculação de músicas, associado a participação de outros membros da comunidade, fizeram com que o evento fosse percebido e integrasse o cotidiano desta unidade de ensino, especialmente na semana de sua realização.

Objetivos do projeto

O Projeto Especial, como constou no planejamento da disciplina Geografia da América Latina nos dois semestres em que foi ofertada, foi pré-concebido a partir de princípios que considero fundamental na formação docente, especialmente nos dias atuais, que compõem o objetivo geral do projeto:

- Exercitar autonomia e curiosidade no processo de ensino-aprendizagem;

Os objetivos específicos foram moldados na concepção do projeto:

- Estudar a geografia da América Latina pela síntese sociedade e natureza;
- Fomentar práticas integradas de ensino-pesquisa-extensão;
- Valorizar as contribuições dos povos originários e da diáspora africana;
- Fomentar a utilização das artes no ensino de Geografia;
- Preparar discentes para a organização de eventos em instituições de ensino;
- Contextualizar Geografia da América Latina e cotidianidade.

Procedimentos didáticos

A II edição da Feira de Conhecimentos da América Latina, concebida e realizada em uma construção coletiva ao longo das aulas, teve seu início quando o Projeto Especial foi apresentado no primeiro dia de aula, tendo sua primeira reunião no dia 12/03/2019, quando foi apresentado o desafio de criar uma atividade que contribuísse para a formação docente, a partir de alguns questionamentos norteadores:

- “Como despertar curiosidade sobre os conteúdos da Geografia da América Latina em estudantes e em sua comunidade educativa?”
- “Como trabalhar conceitos geográficos a partir da interdisciplinaridade, com linguagens, conteúdos e docentes de outras áreas?”
- “Quais mecanismos podem favorecer a autonomia e a tomada de decisões no contexto de ensino-aprendizagem?”

O primeiro encontro foi um momento de muitas reflexões sobre educação e expectativas para a vida profissional, discussão que se estendeu a uma segunda reunião, ocorrida no dia 26/03/2019, com deliberações práticas de que a turma optava por realizar mais uma etapa da Feira de Conhecimentos sobre América Latina, desde que feitas algumas mudanças na programação e organização.

Essas duas reuniões integraram, assim, a primeira das 4 etapas definidas para o projeto: 1) concepção; 2) planejamento e preparação; 3) realização; 4) avaliação.

A etapa 2 envolveu a realização (em duplas ou trios) de pesquisas sobre manifestações artísticas, elaborações acadêmicas ou registros documentais que pudessem ser úteis na difusão de conhecimentos em uma comunidade universitária

ou escolar. Com base nos interesses trazidos a partir da pesquisa foram sendo definidos alguns procedimentos didáticos, como: apresentação de documentários sobre dimensões físicas e ocupação humana nas Américas, visita aos museus MAE e MAFRO, análise de cartografias históricas e atuais, aulas expositivas sobre conteúdos relevantes, discussão de textos, apresentação de vídeos e poesias.

Para lidar com a diversidade de interesses manifestados pelos licenciandos foi estabelecida uma divisão da turma em Grupos de Trabalho (GTs) para atuarem nas etapas 2 e 3, sejam eles: Instalação, Performance, Culinária, Debate e Organização.

Validou-se coletivamente também a utilização da instalação geográfica na Feira, metodologia onde ocorre uma ocupação do espaço com materiais, confeccionados ou organizados pelos estudantes para difundir conhecimentos em uma linguagem mais inclusiva possível. Devendo ser também explanado o sentido da instalação criada, o processo criativo e os conteúdos que a fundamentam:

[...] a criação e o criador se encontram no espaço, pois exige do aluno além da aprendizagem a criatividade que perpassa as estruturas mentais, porque exige projeto, projeção mental, força de criação, conhecimento do conteúdo que irá construir durante todo o processo de criação, repetimos relação por contrastes. (RIBEIRO, 2009: 561)

As instalações geográficas favorecem a curiosidade e a criatividade e podem estar combinadas com outros métodos como a performance (RIBEIRO, 2009), também utilizada na etapa 3, através de apresentação musical, recital, instalação de painéis, varal cultural, entre outras propostas. O GT de Instalação optou por fazer folders de divulgação científica, com pesquisas sobre povos originários e sobre domínios de natureza nas Américas, sendo distribuídos nos momentos de “pico” do evento.

Outros procedimentos foram preparados na etapa 2 e executados na 3, como o GT de Culinária, que produziu e serviu alimentos típicos de países da América Latina, apresentando conhecimentos associados como: localização de surgimento de frutas e legumes típicos de povos originários, bem como os intercâmbios entre etnias e países que envolveram, surgimento dos pratos escolhidos relações com a cotidianidade.

O GT de Debate organizou espaços livres de diálogo e intervenção artística, abordando conceitos para estimular a participação, a criatividade e a curiosidade, com base nos temas escolhidos: colonialidade, sub-regiões e geopolítica. Entre as atividades do GT, constam: i) diálogo sobre a Geografia da América Latina e ensino, com os bolsistas do PIBID, durante a ExpoPIBID; ii) conferência de abertura da Feira proferida por discentes da disciplina Geografia Política com declamação de poesias; iii) diálogo acadêmico-cultural intitulado “América Latina: questões regionais do passado e presente” com manifestações artísticas e participação de estudantes estrangeiros da pós-graduação; iv) oficina de cultura latino-americana com o Prof. Dr. Mário Ulloa, costa-riquenho e Titular da Escola de Música da UFBA.

Ademais, destacam-se as atividades do GT Organização, composto por mim e quatro membros de outros GTs, com fito a auxiliar a comunicação entre GTs, resolver questões técnicas e mediar conflitos, desenvolvendo competências relativas a gestão.

A execução da Feira, propriamente dita (etapa 3), foi um rico exercício de aprendizado, que não se restringiu ao domínio formal de determinado conjunto de conteúdos, mas tendo caráter multifacetado que forjou em todos algum tipo de habilidade ou competência profissional e até mesmo pessoal. Ainda assim, o evento não encerrou a construção didática e a etapa final de avaliação (4), consistiu em mais um momento importante de ensino-aprendizagem, que partiu de conceitos como “avaliação contextualizada” ou “avaliação formadora”, evitando a ênfase na classificação por meritocracia, superando o sentido último de aprovação ou reprovação como meta do processo avaliativo, modelo hegemônico no Brasil (RIBEIRO, 2016).

Nesse sentido, os procedimentos de avaliação escolhidos são também procedimentos didáticos e levaram em consideração a potencial diversidade sociocultural refletida nas bagagens trazidas pelos futuros professores, que terão que lidar com a educação em contextos que podem ser diversos e adversos. Buscou-se, então, um método que alcançasse o que almejou Freire (1996: 25): “O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação”.

Coletivamente foi construído um procedimento de avaliação para a Feira composto por uma autoavaliação individual e uma avaliação coletiva que não se restringisse a uma nota no final, mas que servisse como um processo qualitativo de reflexão sobre educação, enfatizando competências obtidas e autocríticas necessárias em três quesitos: organização, conteúdo e criatividade. Este exercício nos permitiu refletir sobre as seguintes questões relativas ao processo de avaliação:

- Como avaliar de modo justo pessoas que possuem bagagens e histórias de vida diferentes?
- Qual peso deve ser atribuído ao conteúdo, frente a outras competências de natureza relacional ou procedimental que foram adquiridas?
- Como fazer da avaliação um momento de aprendizado?

Nesse sentido, da concepção do projeto a avaliação das atividades, buscou-se, na Feira, favorecer o ensino-aprendizagem a partir do desenvolvimento de competências e habilidades para o ensino contemporâneo, mas também para o amadurecimento profissional e pessoal mais amplo.

Conteúdos curriculares priorizados

A disciplina Geografia da América Latina abarca o estudo e interpretação do espaço que foi historicamente concebido como América Latina, que não se trata de uma delimitação consensual ou precisa. Assim, um pressuposto discutido foram as hipóteses do surgimento do termo “América Latina” (FARRET; PINTO, 2011).

O que nos levou a pensar, na história e na atualidade quais perspectivas teóricas e percepções discentes sobre as possibilidades relacionais que envolvem a América Latina e sua regionalização política, econômica, cultural, etc; e a pensar as semelhanças que residem na influência de um padrão de colonização europeia latina, que não se findou com as independências nacionais, quando entra em vigência a colonialidade mantendo os efeitos do racismo estrutural e do eurocentrismo na cultura e economia contemporâneas (QUIJANO, 2005; FANON, 2008).

Nas diversas etapas do projeto foi possível refletir e operacionalizar conceitos como: região, identidade, geopolítica, Estado-nação, território, entre outros; e abordar conteúdos específicos, como:

- a) Domínios de natureza e geoarqueologia das Américas:
- b) Revoltas e a constituição dos Estados na América Latina:
- c) Epistemologias pós-coloniais para a América Latina:

A princípio significa admitir modos de produzir e compartilhar conhecimentos e saberes não-eurocentrados e também não científicos, afim de não praticar a violência simbólica (BOURDIEU; PASSERON, 1992) e evidenciar o epistemicídio para com outras matrizes do saber (SOUZA-SANTOS, 2007). Valorizando a participação negra e indígena na construção latino-americanas.

- d) Urbanização da América Latina:

Refletir sobre a construção de cidades desde a invasão das terras indígenas até a destruição de cidades de povos originários. Pensar a urbanização moderna, as redes urbanas, sub-regiões e teorias sobre a urbanização latino-americana (SANTOS, 1982).

- e) Relações culturais e políticas entre os povos:

Trata-se de pensar como movimentos culturais e políticos tem fortalecido a coesão regional no século XX, com destaque à luta contra as ditaduras e a Operação Condor, que permitiram uma maior afirmação dessa identidade; destacando interações contemporâneas culturais e políticas dos movimentos sociais e educacionais.

- f) Geopolítica e relações internacionais:

Um dos elementos presentes nas etapas da Feira é o pensamento sobre a geopolítica mundial e o papel da América Latina nela. Coube pensar a globalização mundial, discutida em Santos (2003), e além disso resgatar o histórico dos acordos bilaterais, enfatizando as conjunturas geopolíticas que os influenciaram.

Na Feira de Conhecimentos Sobre América Latina esses conteúdos foram trabalhados através de procedimentos diversos e geralmente de modo não-segmentado, a partir de múltiplas linguagens, definidos pelas escolhas dos discentes, feitas com base nas potenciais metodologias de difusão dos mesmos.

Considerações finais

A Geografia é, por sua própria natureza, uma disciplina abrangente por produzir análises que perpassam relações entre sociedade e natureza. Seus conceitos-chave – lugar, território, paisagem, região e espaço – expressam e valorizam a indivisibilidade entre ambas as dimensões da realidade (AZEMBUJA, 2009), sendo papel do ensino em Geografia pensar essa interação física e humana.

Este relato expôs as propostas e objetivos alcançados com a Feira de Conhecimentos sobre América Latina da UFBA, que foi uma oportunidade para que os licenciandos pudessem realizar pesquisas e difundir conteúdos sobre aspectos regionais ou sub-regionais da América Latina, numa perspectiva integrada.

A construção da Feira permitiu exercitar os desafios da nova geração de docentes, instigando o exercício da autonomia, sendo pensada e deliberada dentro da própria sala a partir do princípio do “professor pesquisador”:

Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando “curiosidade epistemológica”. [...] Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. (FREIRE, 1996: 14)

Entre as preocupações que estimularam a escolha, está o fato de que, nos dias atuais, cresce o número de depoimentos de docentes que são contestados por alunos com base em fontes de internet, parte delas superficiais em seus fundamentos (MANFIO; SEVERO; WOLLMANN, 2016). Cresce também o número daqueles que estudam através canais de vídeo ou podcasts na internet. A disponibilidade de informação, somada à relativa facilidade com que se pode reuni-las e divulgá-las, é um recurso de grande valia para educadores, mas pode gerar desinteresse para com a escola.

Para lidar com desafios, o projeto alicerçou-se na epistemologia da prática:

A epistemologia da prática valoriza a prática profissional como um momento em que o educador constrói conhecimento a partir da análise e reflexão desta. Diz respeito a um conhecimento produzido na ação e sobre a ação (MENEZES; KAERCHER, 2005: 49)

A epistemologia da prática questiona, pois, a produção e difusão do conhecimento na universidade, majoritariamente pautados na racionalidade moderna, provocando-nos a pensar a democratização da ciência para com os diversos públicos (dos doutores aos profissionais da limpeza), partindo da ideia de que o ensino deve ser contextualizado com o ambiente educativo.

Refletindo coletivamente docente e docentes em formação, foi possível elaborar diversificadas propostas para a Feira, fazendo com que o exercício da reflexão geográfica dialogasse com diversos interesses e linguagens, de modo acessível para pessoas com diferentes formações ou idades; aqui destaca-se o uso da arte na educação geográfica, a realização de instalações geográficas, a divulgação científica a partir de folders e painéis, a realização de palestra e oficina, entre outras ferramentas que podem ser potentes para o Ensino Superior bem como para o Básico.

O projeto também permitiu prepará-los um pouco para lidar com a interdisciplinaridade na escola, elemento que compõe Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente a do Ensino Médio (2018), onde a Geografia deixa de ser uma disciplina obrigatória, com conteúdos redistribuídos na área das Ciências Humanas.

Foi incrementada, com a Feira, a reflexão sobre os conteúdos obrigatórios definidos nas leis 10.639/2003 e 11.645/08, da inserção da história e da cultura afro-brasileira e indígena no Ensino Básico (SANTOS, 2009), refletindo sobre o racismo estrutural na formação das Américas, tema as vezes indiferente para a Geografia escolar e os livros didáticos (AZEMBUJA, 2014), questões importantes para não reproduzir a violência simbólica (BOURDIEU; PASSERON, 1992).

Reposicionar a Geografia do ensino é importante porque esta é criadora/reprodutora de “ideologias espaciais” (STRAFONI, 2018: 188) que fundamentam relações de poder entre as pessoas e instituições. Para favorecer a autonomia – que além de ser um imperativo ético, deve ser uma escolha – a Feira pôs acento na necessidade de uma educação geográfica conscientizadora das “interações entre os múltiplos componentes espaciais” e da “cotidianidade dos alunos” (STRAFONI, 2018: 184).

Experimentando uma transição da dependência passiva à liberdade ativa no processo de aprender e ensinar, a Feira permitiu vivenciar a ideia de que “a leitura do mundo” não deve estar dissociada da “leitura da palavra” e de que o conhecimento não deve ser apartado do ser e da emoção.

Referências

ALMEIDA; SILVA. **Abya Yala como território epistêmico**: pensamento decolonial como perspectiva teórica. *Interritórios*, Caruaru, V.1, N.1, 2015.

AZEMBUJA, Leonardo Dirceu. **Geografia, natureza e sociedade**. Ijuí: Editora UNIJUI, 2009.

_____. O livro didático e o ensino de geografia do Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 4, n. 8, p. 11-33, jul./dez., 2014

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras branca**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARRET; PINTO. **América Latina**: da construção do nome à consolidação da ideia. *Topoi*, v. 12, n.23, jul.-dez. 2011, p. 30-42.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANFIO, V.; SEVERO, M.; WOLLMAN, C.. Educação e geografia escolar: os dilemas, desafios e o papel do professor na construção do conhecimento. **Revista Perspectiva Geográfica - Marechal Cândido Rondon**, v. 11, n. 14, p. 63-73, jan.-jun., 2016.

MENEZES, V.; KAERCHER, M. **A formação docente em geografia**: por uma mudança de paradigma científico. *Giramundo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p.47-59, jul./dez. 2015.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Coleção Sur-Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Emerson. Práticas pedagógicas – o ensino geográfico por instalações. In: **Anais do IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP** Rio Claro, 2009.

_____. Instalações geográficas pensando a avaliação construtiva para se trabalhar a geografia na sala de aula. In: **Educação, arte e geografias** – linguagens em (in)tens(ç)ões. SUZUKI, J. C.; SILVA, V. C.; FERRAZ, C. (Org.). Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

SANTOS, Milton. **Ensaio sobre urbanização latino-americana**. São Paulo (SP): Hucitec, 1982.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOUZA SANTOS, B. Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: **Novos Estudos CEBRAP**, 79, Novembro 2007, p. 71-94.

STRAFONI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos avançados** n. 32, 2018.

Recebido em 01 jun. 2020;

Aceito em 30 jun. 2020.